

A TRANSFICCIONALIDADE NA SÉRIE TELEVISIVA *ONCE UPON A TIME*: UM ESTUDO DE CASO

Caíque Pereira¹ & Simone Orlando²

1. Bolsista de Iniciação Científica FAPERJ, Discente do Curso de Jornalismo, ICBS/UFRRJ; 2. Orientadora e Professora do Curso de Jornalismo, DLC/ ICBS/UFRRJ.

Palavras-chave: *transficcionalidade; TV; narrativa; contos de fada, Once Upon A Time.*

Introdução

A exposição de narrativas alcança patamares de inovação em seu *modus operandi* cada vez mais. Essa tônica, realçada nos dias atuais, levanta questões pertinentes aos interesses acadêmicos da área de comunicação social, tal qual a noção de transficcionalidade em universos diegéticos de histórias midiáticas. A transficcionalidade corresponde a um mecanismo narrativo regido pela expansão de uma trama, ao passo que corrobora a construção de outras histórias, que permeiam um mesmo universo. Geralmente, para o exercício de tal estratégia tem-se uma referência primeira de uma história compartilhada dos públicos para que se possa ousar e criar novas perspectivas para aquela história original, mas não obrigatoriamente em plataformas ou mídias distintas.

A produção telenarrativa de ficção *Once Upon A Time* (OUAT) se caracteriza como fenômeno midiático pertencente ao escopo da transficcionalidade. Atualmente com quatro temporadas (2015) e a quinta prevista para estreiar em setembro, o seriado é um dos maiores sucessos de audiência de sua emissora, a ABC, e agregou conjuntos de fãs por todo globo. No canal americano, estreou em 23 de outubro de 2011, contudo iniciou sua exibição no Brasil somente em 2 de abril de 2012, pelo canal de TV fechada Sony e 3 de fevereiro de 2014 na TV aberta pela Rede Record. O programa enaltece uma forma inusitada de composição ficcional. Captura boa parte das histórias de contos de fadas que infestam nosso imaginário infantil (Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, Pinóquio, João e Maria, etc.), várias oriundas dos trabalhos de Hans Christian Andersen, Charles Perrault e dos irmãos Grimm, e as reorienta em um inédito universo narrativo diegético. Examinar esse produto (a série *Once Upon A Time*), em um método de visibilização dos subterfúgios transfissionais, no esquematismo narrativo, configura um dos pontos medulares do estudo em voga.

Metodologia

A metodologia de pesquisa utilizada propõe, além do tradicional recolhimento bibliográfico, uma análise de um *corpus* documental audiovisual, tendo como norte um estudo de caso. Partimos, inicialmente, de um estudo da primeira temporada da série (22 episódios) em questão, sobretudo das sinopses de cada história, observando como esse primeiro momento de desenvolvimento das tramas em sequência propõe processos transfissionais, na medida em que expandem as perspectivas narrativas de contos de fadas e fábulas já conhecidas do grande público para caracterizar ambiências diegéticas novas, dando vida a processos relatuais diferenciados. Fato é que tais episódios deixam nítidos os entremeios entre personagens de diferentes histórias, pela própria constituição de uma cidade "fora" do mundo dito "ficcional", em que todos os personagens centrais (pertencentes a histórias clássicas e conhecidas dos públicos) se encontram e se entremeiam em uma nova perspectiva narrativa.

Discussão Preliminar

A pesquisadora suíça Marie-Laure Ryan (2013) denota que o termo *transficcionalidade* refere-se ao deslocamento de entidades da ficção de textos discrepantes, cujo escrito pode impender à mesma mídia, no geral à narrativa escrita e ficcional. Na mesma via de reflexão,

Richard Saint-Gélais (2011, apud Alvares, 2012) usou da terminologia a fim de envolver o fenômeno pelo qual duas ou mais tramas, de autores diferentes ou não, fazem alusão juntamente a uma mesma ficção. Existe uma ligação por entre os textos, velada no propósito de um *continuum* diegético pelo qual as ficções se conectam uma às outras. As sagas, adaptações, versões alternativas e continuações configuram-se por exemplos de transficcionalidade exercidas com fluência pelas culturas literária, popular e mediática.

Segundo Gélais (op.cit.), a prática transficcional viabiliza ambientes de interseção e interação entre ficções literárias e mediáticas. Ela não infere tanto em uma conversão paródica da obra em vigência, mas sim na irrupção em uma zona indefinida do cosmos ficcional. Logo, a transficcionalidade procede por intermédio de inúmeras figuras, como a sequência apócrifa ou pelo próprio autor, o descentramento, a contraficção, o cruzamento. Essa última noção é uma variante lúdica da transficção, abrangendo a reunião de personagens advindos de diversos mundos ficcionais em encontros impremeditáveis, permitindo o prolongamento de uma história incompleta ou seu relançamento depois do desenlace.

Para a PhD em Prática Transmídia, Christy Dena (2009), que definiu o conceito de "ficções transmídia", a compreensão da transficcionalidade se dá pelo conteúdo a ser remanejado ou readequado em todas as dimensões. Destarte, uma história pode iniciar em um meio e acabar noutro, porém sem a possibilidade da autossuficiência de cada texto, conforme é enaltecido por Jenkins (2008). Dena decorre que, na transficção, a trama é dependente de todos os fragmentos em cada dispositivo, site ou meio com finalidade de ser lida, compreendida e vivida.

Considerações Finais

A partir dessas leituras, temos como ponto de partida inicial a percepção de que a série televisiva *Once Upon A Time* se qualifica efetivamente enquanto processo transficcional midiático. Isso justifica a partir do momento em que assimilamos sua proposta desde o âmbito inaugural, que se passa na cidade fictícia de *Storybrooke* (localizada fantasiosamente nos EUA), cujos habitantes centrais seriam, na verdade, personagens dos contos de fadas que, por sua vez, viveriam todos em um único "Mundo Encantado". No episódio piloto, introduz-se a ideia de que, através de uma maldição lançada pela Rainha Má (antagonista central) do conto da Branca de Neve, tais figuras são presas num mundo sem magia, o "Mundo Real", sem a ciência de suas identidades originais. Os personagens que ali residem desempenham funções triviais (bibliotecários, professores, atendentes de lanchonete, freiras, médicos, psicólogos, garis, etc.). Por meio da sucessão da trama, cada episódio retratará esses indivíduos como provenientes das histórias dos contos de fadas conhecidas do público. São narrativas novas que conservam paridade com a linha psicológica essencial dos personagens dos contos de fadas tradicionais. entretanto com tramas e enredos identificados em ambiências inéditas, reajustando o universo narrativo em direção a um leque de inúmeras outras histórias.

Referências Bibliográficas

ÁLVARES, Cristina. *Quatro dimensões do microconto como mutação do conto: brevidade, narratividade, intertextualidade, transficcionalidade*. Revista *Guavira*, Programa de Pós-Graduação em Letras UFMS/Campus de Três Lagoas, n. 15. Mato Grosso do Sul: Guavira Letras, 2012.

DENA, Christy. *Transmedia Practice: Theorising the Practice of Expressing a Fictional World across Distinct Media and Environments*, 2009. Thesis submitted in fulfilment of the requirements for the Degree of Doctor of Philosophy (PhD). School of Letters, Art and Media Department of Media and Communications Digital Cultures Program University of Sydney Australia. 354 p. Disponível em: http://ciret-transdisciplinarity.org/biblio/biblio_pdf/Christy_DeanTransm.pdf.

LAURE-RYAN, M. *Narrativa Transmídia e Transficcionalidade*. In: *Revista Celeuma*, n. 3. São Paulo: 2013.